

ENTRE A LINGÜÍSTICA E A FILOSOFIA: A PRAGMÁTICA TRANSCENDENTAL DE KARL-OTTO APEL

Pedro Henrique de Oliveira SIMÕES¹

Orientador: Profa. Dra. Maria Clara Catanho Cavalcanti

Resumo: Este ensaio tem o objetivo de realizar uma introdução ao pensamento do filósofo da Escola de Frankfurt Karl-Otto Apel acerca da linguagem e da importância desta para os estudos filosóficos que vêm se desenvolvendo nos últimos anos, tendo o suporte teórico de autores como Oliveira (2001), Armengaud (2008), Ludwig (2006), além da própria obra de Apel (2000). A teoria *pragmática transcendental*, que foi desenvolvida no campo linguístico-pragmático nos fins do século XX, nos leva a questionar a importância do estudo realizado dentro da filosofia nos últimos tempos e a refletir acerca das pesquisas realizadas com relação à linguagem dentro da filosofia.

Palavras-chave: pragmática; filosofia da linguagem; pragmática transcendental; Karl-Otto Apel.

1. UM POSSÍVEL PONTO DE PARTIDA

Não é arriscado afirmar que os estudos filosóficos contemporâneos têm se debruçado com entusiasmo sobre a linguagem, buscando se fazer desta entidade o caminho para se alcançar objetivos e para engatilhar ideias antes edificadas à luz de outras formas de pensamento, não muito convencionais e “foras de moda” para uma grande massa de teóricos do século XX para cá. As críticas direcionadas às teorias do conhecimento e ao cientificismo levam os contemporâneos a pensar a verdade e a razão agora sob um novo paradigma: a comunicação, que é exercida pelo homem, na prática da linguagem, no meio em que vive, e que o faz um ser social. Não queremos tratar aqui de possíveis dicotomias dentro dos estudos filosóficos, nem tampouco construir um campo de batalha entre teorias, mas sim, apontar como o estudo da linguagem tem se tornado importante entre os recentes teóricos da filosofia. E a pragmática, campo “percorrido por tensões, estremeado por indecisões, animado por controvérsias” (ARMENGAUD, 2008, p. 153), é a corrente que nos leva a pensar a linguagem dentro da filosofia, fazendo com o que os estudos linguísticos possam se aproximar dos estudos filosóficos.

¹ Aluno da graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Este ensaio foi parte da avaliação da disciplina Linguística II ministrada pela Profa. Doutora Maria Clara Catanho na mesma universidade.

No século passado os estudos da língua e da linguagem ganharam destaque entre muitos filósofos e estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, nos legando uma enormidade de questões e caminhos para se trilhar na atualidade. Partindo de diversos pontos de vista, a língua e seu estudo ganham destaque e a linguística, como nova ciência, passa a engatinhar num solo já bastante fértil de conhecimento. A partir de Saussure, que realizou um estudo estrutural e descontextualizado da língua, o estudo científico linguístico se desenvolve rapidamente e recebe diferentes visões durante todo o século XX. Mas isso não nega que a linguagem tenha sido tema de diversas discussões ao longo da história da humanidade. Ocorre que é no século XX que podemos encontrar uma concentração maior de pesquisas acerca desta atividade que nos torna seres comunicáveis.

E entre as diversas pesquisas que se realizaram ao longo do século passado, encontramos, como afirma Armengaud (2008, p. 09), uma disciplina “jovem, farta e de fronteiras fluidas”: a pragmática, que habita no cruzamento entre filosofia e linguística e que tem traçado um trajeto plural, em que se podem encontrar diversas visões provenientes de variados métodos e estudos, e diferentes definições. O estudo da pragmática se preocupa com o uso, com a relação que há entre o signo e o seu usuário. Esta corrente ultrapassa a ideia de língua como entidade que se encerra no código. Wittgenstein, em sua brilhante obra *Investigações filosóficas*, já dizia que é no próprio uso que o signo vive: “O que dá vida ao signo? É no uso que ele vive. Ele tem em si o sopro da vida? Ou o uso é o seu sopro?” (1996 apud ARMENGAUD, 2008, p. 36). Wittgenstein vai ser um grande nome para os estudos da filosofia da linguagem desenvolvidos no século passado.

Wittgenstein também vai nos legar a ideia de que a linguagem e o pensamento são coisas que caminham juntas, que não competem, que não se divergem. Platão dizia que a linguagem era uma forma de representação do pensamento, ou seja, alimentava uma teoria que visava a linguagem apenas como simples instrumento. Para Armengaud (2008, p. 36), um ponto deve ser destacado com relação ao pensamento de Wittgenstein sobre a linguagem e o pensamento: “não há, de um lado, o pensamento e, do outro, a linguagem: indissociáveis, eles geram um ao outro, simultaneamente”. Isso nos leva a crer, ainda segundo Armengaud, que aquele filósofo “substitui o paradigma da expressividade pelo da comunicabilidade” (2008, p. 36).

Acerca da pragmática, de modo geral, tomemos aqui as pertinentes palavras de Weedwood (2010, p. 144):

em vez de se preocupar com a estrutura abstrata da língua, com seu sistema subjacente (com a *langue* de Saussure e a *competência* de Chomsky), muitos linguistas se debruçaram sobre os fenômenos mais diretamente ligados ao *uso* que os falantes fazem da língua.

Com isso, podemos afirmar que a pragmática busca realizar um estudo baseado no ato e no contexto em que tal ato foi produzido, não se restringindo à forma ou ao estudo do sentido e do significado no texto escrito, mas sim no estudo da linguagem e de seu uso, deixando sérias questões que melhor devem ser analisadas, pois ainda não são conclusivas. Em Apel, podemos encontrar uma nova abordagem da filosofia que deve tomar a linguagem em uso como o meio de se entender e edificar ideias e é sobre este estudo que, numa análise introdutória, iremos discutir agora.

2. O QUE NOS DIZ A PRAGMÁTICA TRANSCENDENTAL?

Em suas pesquisas na segunda metade do século XX, Karl-Otto Apel buscou estabelecer uma modificação no procedimento filosófico com relação à validação da verdade. Essa modificação é a criação de um novo fundamento dentro da filosofia, pois o mesmo afirma que a filosofia, tal como é atualmente, não possui um fundamento de verdade concreto, ou seja, não há um estabelecimento de razão. Suas críticas ao positivismo estão diretamente ligadas a essa concepção, pois afirma que esta vertente do conhecimento refuta o estabelecimento da razão.

Essa nova fundamentação deve abandonar o estudo paradigmático da consciência, praticado até então com muita dedicação por muitos filósofos, e deve ocupar-se da linguagem como meio de entendimento e de validação da verdade em todo e qualquer conhecimento. Essa teoria, que vai do *estudo cognitivo analítico “consciencial”* ao *estudo cognitivo analítico linguístico*, nada mais é que uma transformação da base de estudo e pesquisa da filosofia, um giro em torno da mesma, em que o moderno questionamento kantiano acerca das condições de possibilidade e validade do conhecimento seja respondido à luz dessa nova fundamentação.

Essa virada no modo de estabelecimento de uma razão na filosofia, que toma o estudo linguístico como meio de se chegar a objetivos idealizados, não deve incluir a linguagem como mais um objeto de reflexão, mas também não deve tomá-la com maior e especial atenção: a linguagem deve assumir o caráter mediano em todo e qualquer conhecimento. A seguinte passagem demonstra o pensamento do filósofo acerca da relação entre filosofia e linguagem:

A filosofia da linguagem, hoje em dia, pode assumir – ou até mesmo: tem de assumir – a função da filosofia transcendental em sentido kantiano? Ou seja, ela pode (ou tem que) assumir hoje a função de uma *prima philosophia*? Talvez se possa chegar sem dificuldades – entre os conhecedores da literatura filosófica – ao consenso de que em nosso século a ocupação do filósofo com a própria consciência, algo característico para a Era Moderna, deu lugar, mais recentemente, à ocupação do filósofo com a linguagem. E isso parece significar que a filosofia da linguagem veio ocupar o lugar da epistemologia tradicional – a filosofia da linguagem não como tematização do objeto linguagem entre outros tantos objetos possíveis da cognição, mas sim como reflexão sobre as condições linguísticas da cognição (APEL, 2000, p. 353-354).

A passagem anterior mostra que, entre os conhecedores da literatura filosófica, há a concepção de que a filosofia contemporânea já não dá mais espaço para o estudo epistemológico tradicional, abrindo caminho, dessa forma, para o que se convencionou chamar de filosofia da linguagem. Preso à ideia de que a filosofia atual necessita de uma nova fundamentação ainda inexistente e que dê conta dos questionamentos e das imprecisões geradas na atualidade, Apel diz o seguinte com relação a uma possível fundamentação que ele designa como *pós-metafísica*:

Justamente por causa da fundamentação última necessitamos de uma filosofia pós-metafísica; pois nisto precisamente consiste, segundo penso, a falta capital da metafísica – falta que ela partilha com o pensamento mítico: que ela somente é capaz de sugerir sempre apenas uma fundamentação última de caráter dogmático – em sua estrutura, aproximadamente algo como a doutrina de Deus como causa *sui* ou também como o mito hindu que narra que o mundo é sustentado por um elefante e este, por sua vez, por uma tartaruga, interrompendo-se então a narrativa (APEL, 1993: 306 *apud* LUDWIG, 2006, p. 45).

Sabe-se que a metafísica detém-se às “questões últimas” da filosofia, como no exemplo do mito hindu em que a tartaruga é o ser último que comanda o mundo, por isso que essa nova fundamentação é chamada de *pós-metafísica*. Essa teoria, que expõe a necessidade dessa nova e última fundamentação, é contrariada por muitos teóricos que acreditam na impossibilidade de sua existência, tendo em vista que a fundamentação estrutural metafísica não permite o desencadeamento de uma nova fundamentação. Apel direciona esta crítica à metafísica ontológica tradicional que, segundo ele, afirma o ser sem a reflexão das condições do conhecimento, e insiste em defender a possibilidade de criação dessa “nova filosofia”, inexistente na ciência empírica e na metafísica, que vem a ser chamada de *pragmática transcendental*.

Apel enfatiza a necessidade de criação de uma nova filosofia ao afirmar que os tempos atuais necessitam de uma filosofia específica e reconhece que essa tarefa seria possível tanto na teoria do conhecimento e na teoria da ciência, quanto na filosofia prática (LUDWIG, 2006), mostra, porém, que isto é mais identificável na filosofia prática, mais precisamente no estudo da ética. Neste contexto, a *pragmática transcendental* seria a transformação do pensamento transcendental de Kant, em que a dimensão da linguagem, segundo ele, é silenciada. Em uma escala temporal, o pensamento de Kant é sobreposto pelo de Apel:

A relação contemporânea entre filosofia e linguagem se desenha nesse jogo dialético, entre a ruptura e a continuidade, entre o paradigma da consciência e o paradigma da linguagem, que, na verticalidade, coloca a questão kantiana das condições de possibilidade e validade do sentido, *agora sob novo fundamento* (LUDWIG, 2006, p. 45, grifo nosso).

A *pragmática transcendental* ultrapassa, portanto, a relação sujeito-objeto e foca na relação sujeito-linguagem-objeto, em que o homem torna-se membro de uma comunidade de linguagem e em que ele mantém sua relação com o mundo por meio da linguagem.

3. UM POSSÍVEL PONTO DE CHEGADA

Após a difusão dos estudos linguísticos no século XX, é notável que, a partir da pragmática, a filosofia da linguagem tem ganhado destaque no estudo filosófico contemporâneo. O campo da pragmática, como afirma Armengaud (2008, p. 153) é “percorrido por tensões, estremecido por indecisões, animado por controvérsias”, permitindo, desta forma, dizer que ela é composta por diferentes e numerosas pragmáticas.

Karl-Otto Apel é um dos muitos filósofos que tem se debruçado sobre o estudo da linguagem. Ele nos lega um pontapé em uma nova forma de ver e trabalhar a linguagem dentro da filosofia. Esta faculdade que nos torna seres comunicáveis e pensantes, mediatiza toda relação entre sujeito e objeto no ato comunicativo, devendo o filósofo estudar as práticas de linguagem e as condições extralinguísticas de suas produções para se chegar às ideias e conclusões ainda não encontradas no estudo filosófico.

A teoria *pragmática transcendental* é o reflexo de que o estudo da filosofia e da linguística tende a se acentuar e a se alargar cada vez mais e que muito caminho ainda tem a ser percorrido, muito ainda tem a ser devastado e pesquisado, pois sérias questões ainda predominam abertas e suscetíveis a mudanças na abordagem filosófica da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APEL, Karl-Otto. *Transformação da filosofia I: filosofia analítica, semiótica e hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- APEL, Karl-Otto. *Transformação da filosofia II: o a priori da comunidade de comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000.
- ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. São Paulo: Parábola, 2008.
- HERRERO, Javier. *A pragmática transcendental como “filosofia primeira”*. Síntese Nova Fase – UFMG 24(79): 497-512, 1997.
- LUDWIG, Celso Luiz. *A transformação da filosofia e a libertação*. Revista da Faculdade de Direito da UFPR 44(0): 43-59, 2006.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001.
- PAVEAU, Marie-Anne & SARFATI, Georges-Élia. *As grandes teorias da linguística*. São Paulo: Claraluz, 2006.
- WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola, 2010.